

APONTAMENTOS SOBRE O USO DO COMPUTADOR E O COTIDIANO DOS JORNALISTAS

Ms. Maria José Baldessar

Mestre em Sociologia Política

Professora de Radiojornalismo da UFSC

Resumo:

Este artigo analisa as mudanças no cotidiano dos jornalistas a partir da chegada do computador no jornal, identificando aspectos da relação do profissional com o novo instrumento. Dedicamos especial atenção às mudanças na estrutura física das redações, no processo de trabalho e, principalmente, as mudanças sociais no cotidiano profissional. Para obter os resultados desejados optamos por entrevistar jornalistas que vivenciaram o processo de transição entre a máquina de escrever e o computador.

Palavras-chave: revolução informacional, jornalismo, profissão.

A adoção de novos instrumentos de trabalho e as formas de utilizá-los tem metamorfoseado o cotidiano dos jornalistas sem, no entanto, mudá-lo radicalmente. Recebido primeiro com medo, depois cede lugar ao encantamento. O computador facilita a execução das tarefas e inegavelmente, melhora o ambiente de trabalho. Para obter maior desempenho das máquinas e garantir a produção, a redação é climatizada.

O computador acaba com o matraquear das máquinas de escrever, trazendo silêncio e limpeza. Em contraposição ao silêncio e ao conforto do ar-condicionado, o novo instrumento acentua a ocorrência de doenças do trabalho, especialmente as conhecidas lesões por esforço repetitivo. Uma pesquisa de Organização Mundial do Trabalho, feita em 1986, identifica as doenças cardiovasculares e do aparelho digestivo e as neuroses como sendo as enfermidades mais frequentes na profissão. Em 1997, a OIT refaz a pesquisa e identifica a ocorrência de novas enfermidades, como deficiências na visão e no sistema reprodutor, lesões permanentes

nos tendões, alergias, epilepsia, stress, bronquite crônica devido ao ar refrigerado, além de problemas de ergonomia, todas associadas ao uso do computador.

Limpeza, silêncio e agilidade: essas são as mudanças?

O processo de informatização das redações dos jornais e revistas no Brasil começou na década de oitenta. A introdução dos microcomputadores mudou o cotidiano profissional dos jornalistas. Depois da chegada do computador nas redações, os jornalistas tiveram que se adaptar a uma outra realidade profissional: a exigência de maior qualificação, a especialização crescente dos ofícios e as modificações nas condições de trabalho.

Na pesquisa "Campo Profissional e Mercado de Trabalho em Comunicação no Brasil" verificou-se que 89% dos entrevistados percebem mudanças significativas na profissão, e 79 % atribuem estas mudanças à introdução de novas tecnologias nas redações.¹ Um artigo publicado na Revista Imprensa sobre a informatização do Jornal O Globo descreve as mudanças no ambiente da redação, estabelecendo um paralelo entre a redação do passado e a atual: " uma louca sinfonia de gritos, gargalhadas, telefones, campainhas reverberavam impunemente (...) as Olivetti e Remington que não sofriam de arritmia eram disputadas no tapa (...) e o impiedoso papel carbono tingia mesas, paletós, mangas de camisa, dedos, mãos e rostos menos atentos (...) montanhas de laudas se formavam para qualquer lado que se olhasse (...) hoje as persianas amarrotadas foram substituídas por um moderno sistema de iluminação que inclui um requinte inimaginável: calhas especialmente desenhadas, cujos focos de luz só iluminam as mesas dos terminais, sem reflexos nos olhos ou nas telas (...) um sistema de ar condicionado central acabou com o clima tropical que sufocava (...) e a sinfonia das pretinhas deu lugar a um silêncio cibernético, propiciado pelos 140 terminais e suas 138 teclas (...) e a limpeza, nada de montanhas de papel ".²

As mudanças na redação são percebidas pelos jornalistas de diversas formas, não só no ambiente e na estrutura física. Mas, também, uma nova relação com o texto, em termos de mobilidade e rapidez, estabelecida através do computador e de suas possibilidades no processamento e arquivo de texto. " (...) mas é no terminal que se escondem as mais saborosas novidades para qualquer jornalista (...) para começar o usuário fica dispensado da preocupação com o fim de cada linha, o computador hifeniza (...) a tela pode ser dividida em duas, de um lado

a matéria do repórter e do outro a do redator (...) o computador também permite a inserção de qualquer informação, em qualquer ponto.”³

A partir das estações de trabalho informatizado é possível, através de determinados softwares, saber quem trabalha em determinada mesa, quem está utilizando determinada máquina, o teor de cada versão escrita e quanto tempo o jornalista demora para executar as tarefas. “Uma simples tecla coloca o trecho precioso da reportagem onde o usuário determine (...) sabe-se por ele o número da mesa usada, o teor de cada versão, a identidade de quem mexeu e a íntegra das alterações com a precisão de horas, minutos, e um incrível instrumento de aferição do desempenho de cada jornalista.”⁴

O controle do trabalho

Para obter a rentabilidade é necessário controlar e medir o trabalho. O que se verifica é que a informatização das redações dos jornais é uma importante ferramenta na divisão entre planejamento e execução das tarefas e no controle da produtividade. Objetivamente, esse controle pode ser aferido através do horário do fechamento dos jornais ou o chamado *deadline*. Nas entrevistas realizadas, a maioria dos entrevistados afirma que, surpreendentemente, o jornal “fecha” mais cedo, ou seja, fica pronto mais cedo. Nas mesmas entrevistas, no entanto, é possível perceber que os jornalistas não associam o “fecha mais cedo” ao controle do trabalho e ao estabelecimento de novas formas de poder.

“... o fato mais curioso dessa mudança foi o fechamento cada vez mais antecipado. Em vez de o computador permitir um fechamento tardio, tornando os jornais cada vez mais atualizados, a ditadura do industrial criou prazos cada vez mais exíguos. A tecnologia ficou a favor de um jornal mais cedo na banca”.

“... acho que o jornalista ganha mais controle e domínio sobre seu próprio trabalho, rompendo a característica de linha de montagem que tanto desvirtua a informação da origem ao receptor final. Mas deixo uma pergunta: por que, quanto mais os jornais investem em tecnologia, mais cedo têm de fechar as edições? Eu não tenho a resposta”.

“... eu ainda não refleti se isto implica em maior controle do trabalho, mas que o jornal fecha mais cedo agora, fecha”.

“... o jornal fecha mais cedo e eu, tenho certeza, trabalho bem mais.”

“... eu acho que mais que controle de trabalho, nós estamos presos. Antes do computador tinha o talento, agora somos mais ou menos todos iguais: todos operamos a mesma máquina. Não adianta ser bom numa coisa, é preciso ser mais”.⁵

No entanto, são as mudanças físicas na redação - menos barulho, mais iluminação e climatização- as mais citadas nas entrevistas. A possibilidade do controle do trabalho e mesmo da produtividade individual ainda não preocupa esses profissionais, talvez pela especificidade do produto que deriva do seu trabalho.

“O computador mudou o ambiente e as condições de trabalho, imprimiu velocidade na produção e criou novos problemas como por exemplo, o que fazer quando o sistema cai na hora do fechamento?”

“Houve mudanças de comportamento, de rotinas de trabalho e de cultura da profissão.”

“Não é diferente do que nossos ancestrais faziam, não importando qual a tecnologia empregada. A essência continua sendo apurar, escrever, editar.”

“Sumiu o barulho das máquinas, ganhamos em agilidade, temos uma enorme gama de informações invadindo as redações através dos computadores.”⁶

A percepção de mudança nos aspectos físicos da redação está associada ao tempo de introdução do computador na redação, relativamente curto. No entanto, isso não significa que as mudanças físicas sejam mais significativas que as subjetivas. Afinal, se mudaram os instrumentos de trabalho e a estrutura física das redações, a relação capital/trabalho continua a mesma.

Acumulação flexível e globalização: a vez da polivalência

Segundo algumas formulações teóricas com a introdução de novas tecnologias nas empresas, muitas profissões sofrerão mudanças e outras irão desaparecer, aumentando o desemprego. Para Rifkin (1995:50) as tecnologias informacionais podem substituir o homem na execução de tarefas. Analisando especificamente a profissão de jornalista, Lage (1995) acredita que esta será uma das profissões menos atingidas pelo desemprego tecnológico, resultante da reengenharia das empresas: "... nem repórteres, nem redatores, nem revisores ou mesmo projetistas gráficos têm seus empregos ameaçados pela tecnologia. Ampliou-se sem dúvida, o âmbito de suas atribuições. A reciclagem necessária para isso é do tipo inclusiva - isto é, nos obriga a acrescentar a nossas habilidades o manuseio de sistemas informatizados e o conhecimento de processos de telemática, afora a percepção mais aguda das questões sociais contemporâneas (...) a realidade da convergência tecnológica fará surgir um novo tipo de jornalista, informado sobre questões relacionadas com a produção de mensagens em sistemas informatizados e telemáticos". (Lage, 1995:2)

Os dados empresariais sobre investimentos em novas tecnologias, qualificação de mão-de-obra, oferta de novos postos e, principalmente redução nos custos finais dos produtos confirmam a metamorfose da profissão, com o estabelecimento da necessidade de conhecimentos polivalentes. No entanto, o processo de adoção de novos instrumentos de trabalho nas redações, e conseqüentemente, de outros procedimentos, não constitui um processo isolado. A globalização da economia impõe às empresas jornalísticas, não só brasileiras, o emprego de recursos tecnológicos como uma das formas para aumentar a competitividade e, conseqüentemente, se credenciar para disputar mercados em expansão.⁷

Segundo Harvey (1994), o capitalismo tem a capacidade de se adaptar ao contexto. Na atualidade, essa adaptação se manifesta em alterações radicais nos processos de trabalho, hábitos de consumo, configurações geopolíticas, divisão política e práticas de Estado. Para Harvey o modelo fordista⁸ de produção é substituído por outro, o da "acumulação flexível".⁹ Esse modelo é caracterizado pela expansão geográfica com a formação de grandes corporações internacionais, pela transformação nos processos de trabalho - desregulamentação e flexibilização (subcontratação, emprego temporário, atividades autônomas, expansão do setor de serviços), desqualificação associada à polivalência, uso de tecnologia de ponta para aumentar a

produtividade e, principalmente pela acumulação de riqueza não estar mais associada unicamente à produção.

No caso dos jornalistas a introdução do computador na redação do jornal traz mudanças mas, paradoxalmente, elas não são significativas socialmente. Ele não muda de lugar social, muito embora sua profissão o configure como outro trabalhador, ainda que assalariado. Nessa realidade, ele é um trabalhador diferente, adaptado a esse cotidiano redefinido. Esse jornalista é polivalente, capaz de apurar, redigir, revisar e diagramar, com conhecimentos de outros idiomas e de informática, condições indispensáveis para o mercado. Ao invés de mudanças significativas, transformadoras, o que se percebe é um processo de metamorfose - entendendo-a como em Castel “... a dialética do mesmo e do diferente (...) cristalizações, ao mesmo tempo, de novo e permanente, ainda que sob formas que não as tornam imediatamente reconhecíveis.”. (Castel 1998,27)

Novas ferramentas, mais produtividade.

A introdução de novos procedimentos e instrumentos de trabalho como forma de aumentar a produtividade não constitui uma novidade no capitalismo. Marx, no primeiro volume do *Capital* discute a necessidade de redução dos custos de mão-de-obra e obtenção de maior controle sobre os meios de produção substituindo trabalhadores por bens de capital. Atualmente, teóricos como Lojkine (1995), Arrigui (1994) e Rifkin (1995) têm estudado os efeitos do uso de novas tecnologias no trabalho - o aumento da produtividade, o nível de emprego, os processos de trabalho e as mudanças no cotidiano profissional. Essas formulações discutem a extinção de determinadas profissões, como a de secretária, bancário, e a exclusão destes trabalhadores do mercado de trabalho com a formação de uma nova elite de profissionais. Em suma, o processo de introdução de novas tecnologias implica em movimentos simultâneos e contraditórios como de criação/destruição de postos de trabalho e de emprego; qualificação/desqualificação das tarefas e da força de trabalho, seja com crescente especialização ou com a integração das tarefas; melhoria e piora das condições de trabalho; organização centralizada ou descentralizada da produção.

Outro ponto a ser considerado é se essa nova elite é realmente constituída de especialistas ou, se como discute Braverman (1977), é formada por trabalhadores polivalentes, com conhecimentos para desenvolver diversas tarefas.¹⁰ O discurso empresarial na área de comunicação nega a especialidade e reforça a necessidade da polivalência. Um exemplo é a

afirmação de Paulo Cabral, secretário geral da Associação Nacional dos Jornais e executivo do Jornal Correio Brasiliense: "quanto aos jornalistas, haverá uma ampliação no mercado de trabalho, com possibilidades de crescimento profissional. Mas as exigências também serão maiores. O profissional da comunicação deverá ser apto a produzir notícias para um público mais bem informado, mais exigente. Terá que desempenhar funções multimídia, ou seja, tornar-se jornalista multifuncional. Esse profissional deverá agregar conhecimentos maiores e o domínio da informática e de línguas estrangeiras serão pré-requisitos para quem quiser vencer".¹¹

Apesar do computador já ser um “velho conhecido” dos jornalistas, sua utilização deve ser motivo de estudos e pesquisas. Seu uso em alguns meios, como é o caso da televisão e do rádio, ainda não recebeu atenção de estudiosos e pesquisadores. Da mesma forma a internet e os desafios que estabelece. No Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina alguns pesquisadores têm dedicado atenção a esse tema. Destaque-se os estudos de mestrado dos professores Ivan Giacomelli, na área de fotojornalismo, e Fernando Crócomo em telejornalismo e edição não-linear de vídeos.¹² Eles apontam para o uso contínuo do computador não só nas redações, mas nos diversos setores dela –administrativo e de produção. O processo de utilização do computador pelos jornalistas, como ferramenta de trabalho, é irreversível e irrefutável.

Referências bibliográficas

ARRIGUI, Giovanni. *O longo século XX*. São Paulo: UNESP, 1994.

AUED, Bernadete W. *“Sobre as dificuldades e possibilidades de apreender a extinção das profissões”*. Florianópolis, UFSC, 1997.

BRAVERMAN, Harry. *Trabalho e capital monopolista. A degradação do trabalho no século XX*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

FADUL, Anamaria (org). *Novas Tecnologias de Comunicação. Impactos políticos, culturais e sócio-econômicos*. São Paulo: Summus Editorial, 1986.

FESTA, Regina. “Os computadores revolucionam a FSP e o jornalismo brasileiro”. Ipal, 1986.mimeo.

HARVEY, David. *A condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1993.

- LAGE, Nilson. *Convergência Tecnológica*. In: Congresso Nacional dos Jornalistas, 27. Porto Alegre, 1966.
- LÉVY, Pierre. *As Tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era a informática*. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1989.
- LINS DA SILVA, Carlos E. *Mil dias*. São Paulo: Trajetória Cultural, 1988.
- LOJKINE, Jean. *A revolução informacional*. São Paulo, Cortez, 1995
- RIBEIRO, Jorge C. *Sempre alerta*. São Paulo: Olho D'água/Brasiliense, 1994.
- RIBEIRO, José Hamilton. *O que é isso computador?* São Paulo: Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, 1982.
- RIFKIN, Jeremy. *O fim dos empregos: o declínio inevitável dos níveis dos empregos e a diminuição da força global de trabalho*. São Paulo: Makron Books, 1995.
- SILVA, Elizabeth B. *Refazendo a fábrica fordista*. São Paulo: HUCITEC, 1991.
- TASCHNER, Gisela. *Do jornalismo político à indústria cultural*. São Paulo: Summus, 1987.
- VIANNA, Ruth Penha Alves. *Informatização da Imprensa Brasileira*. São Paulo: Loyola, 1992.

2. Artigos de Jornais e Revistas

- CHAVES, Débora; FONTENELLE, Astrid. *Adeus às pretinhas*. *Revista Imprensa*. São Paulo, n. 24, p. 23- 28, 1987.
- REVISTA IMPRENSA. *Adeus às laudas*. *Revista imprensa*. São Paulo, novembro de 1987, p. 36 –38.
- REVISTA IMPRENSA. *A marcha batida para a informatização total*. *Revista imprensa*. São Paulo, novembro de 1987, p. 39- 41.
- CHAVES, Débora. *A máquina que vale por uma redação*. *Revista imprensa*. São Paulo, novembro de 1987, p. 42.
- REVISTA IMPRENSA. *O fim das pretinhas nas telas de um micro*. *Revista imprensa*. São Paulo, novembro de 1987, p. 46.
- FOLHA DE SÃO PAULO. *Caderno de Informática*. São Paulo, 08/11/1992, p.2.
- Jornal da Associação Nacional dos Jornais, edição de dezembro de 1996.
- Jornal da Associação Nacional dos Jornais, edição de dezembro de 1997.